

ERRA NEGRA — POESIA — BATISTA DE LIMA

OS SIVENTES DA SERRA NEGRA



BATISTA DE LIMA



PALAVRAS

Minha primeira função
foi ouvir palavras
batidas do coração

A segunda função
foi tecer palavras
raízes no chão

A terceira função
foi aprender o calar
como repetir da fala

Destas e doutras funções
uma se me fez difícil
a de palavras polir

RA NÉGRA — POESIA — BATISTA DE LIMA

OS DIVIDENTES DA SERRA NEGRA



BATISTA DE LIMA

BATISTA DE LIMA

OS VIVENTES DA SERRA NEGRA

SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO
FORTALEZA

1981 //

BATISTA DE LIMA
c 1981
SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO
Av. Presidente Castelo Branco, 255
Fort. - Ce.
Impresso no Brasil

CATALOGAÇÃO NA FONTE — BPGMP

Lima, Batista de
L732 v Os viventes da serra negra. Fortaleza,
Secretaria de Cultura e Desporto, 1981
106 p.
1. Literatura Brasileira — Poesia. I. Título
CDD: B869.3

Uma palavra é mais que uma palavra,
é uma citada.

(Torquato Neto)

Secretário de Cultura e Desporto:
Manuel Eduardo Pinheiro Campos

Diretor do Departamento de Cultura e Esportes:
José Acúrcio Barroso Filho

Presidente do Banco do Estado do Ceará:
Luiz Gonzaga Furtado de Andrade

Diretor-Presidente da Imprensa Oficial do Ceará:
José de Anchieta Gomes Barreira.

ÍNDICE

OS VIVENTES DA SERRA NEGRA

Viventes da Serra Negra	11
Desencanto	12
A Casa	13
Velho Banco	14
A Casa de Meu Avô	15
Lavras	16
Perfil	18
O Doce de Vitalina	19
A Tia	20
Eudes	21
O Canto	22
Canavial	24
Cana	25
Cidadezinha	26
Assunção	27
O Couro	28
Camponês	29
Despedida	30
Engenho	31
Caminhos	32
Engenho de Boi	33
Alpendre	34
Roceiro e Roça	35
Intimidade	36
Poço Velho	37
A Casa, a Mulher e o Homem	38

Construção	39
O Quintal	40
O Morcego	41
A Bolsa das Almas	42
A Porta	43
A Laranja	44
Poste	45
Apartamento	46
Na Cama	47
Na Mesa	48
Palavra	49
Criação	50
O Relógio	51
Gaveta	52
Verbo	53
Palavras	54
Tempo	55
Leve Pesado	56
Destino	57
Peso	58
Paisagem Noturna	59
Rotina	60
O Tempo	61
Limite	62
Manifesto	63
Fim de Sonho	64
Agricultura	65
Acordissagem	66
A Criança e o Velho	67
Momento	68
Rio dos Rios	69
Penso, Logo Insisto	70
Discrição	71
Predestinação	72
A Ave	73
Choro	74
Ninar	75
Vertigem	76

II

MIRANÇAS

Taquari	79
Mirança	80
Circo	81
Câmara Lenta	82
Choro de Bruto	83
O Trem	84
Estrada	85
Sistema	86
Processo	87
Inércia	88
Sonho	89
Soledade	90
Medo	91
Seca	92
Outono	93
Primavera	94
Verão	95
Inverno	96
Casa Velha	97
Cântico de Lavras	98
Condição	99

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

167

168

169

170

171

172

173

174

175

176

177

178

179

180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199

200

201

202

203

204

205

206

207

208

209

210

211

212

213

214

215

216

217

218

219

220

221

222

223

224

225

226

227

228

229

230

231

232

233

234

235

236

237

238

239

240

241

242

243

244

245

246

247

248

249

250

251

252

253

254

255

256

257

258

259

260

261

262

263

264

265

266

267

268

269

270

271

272

273

274

275

276

277

278

279

280

281

282

283

284

285

286

287

288

289

290

291

292

293

294

295

296

297

298

299

300

301

302

303

304

305

306

307

308

309

310

311

312

313

314

315

316

317

318

319

320

321

322

323

324

325

326

327

328

329

330

331

332

333

334

335

336

337

338

339

340

341

342

343

344

345

346

347

348

349

350

351

352

353

354

355

356

357

358

359

360

361

362

363

364

365

366

367

368

369

370

371

372

373

374

375

376

377

378

379

380

381

382

383

384

385

386

387

388

389

390

391

392

393

394

395

396

397

398

399

400

401

402

403

404

405

406

407

408

409

410

411

412

413

414

415

416

417

418

419

420

421

422

423

424

425

426

427

428

429

430

431

432

433

434

435

436

437

438

439

440

441

442

443

444

445

446

447

448

449

450

451

452

453

454

455

456

457

458

459

460

461

462

463

464

465

466

467

468

469

470

471

472

473

474

475

476

477

478

479

480

481

482

483

484

485

486

487

488

489

490

491

492

493

494

495

496

497

498

499

500

501

502

503

504

505

506

507

508

509

510

511

512

513

514

515

516

517

518

519

520

521

522

523

524

525

526

527

528

529

530

531

532

533

534

535

536

537

538

539

540

541

542

543

544

545

546

547

548

549

550

551

552

553

554

555

556

557

558

559

560

561

562

563

564

565

566

567

568

569

570

571

572

573

574

575

576

577

578

579

580

581

582

583

584

585

586

587

588

589

590

591

592

593

594

595

596

597

598

599

600

601

602

603

604

605

606

607

608

609

610

611

612

613

614

615

616

617

618

619

620

621

622

623

624

625

626

627

628

629

630

631

632

633

634

635

636

637

638

639

640

641

642

643

644

645

646

647

648

649

650

651

652

653

654

655

656

657

658

659

660

661

662

663

664

665

666

667

668

669

670

671

672

673

674

675

676

677

678

679

680

681

682

683

684

685

686

687

688

689

690

691

692

693

694

695

696

697

698

699

700

701

702

703

704

705

706

707

708

709

710

711

712

713

714

715

716

717

718

719

720

721

722

723

724

725

726

727

728

729

730

731

732

733

734

735

736

737

738

739

740

741

742

743

744

745

746

747

748

749

750

751

752

753

754

755

756

757

758

759

760

761

762

763

764

765

766

767

768

769

770

771

772

773

774

775

776

777

778

779

780

781

782

783

784

785

786

787

788

789

790

791

792

793

794

795

796

797

798

799

800

801

802

803

804

805

806

807

808

809

810

811

812

813

814

815

816

817

818

819

820

821

822

823

824

825

826

827

828

829

830

831

832

833

834

835

836

837

838

839

840

841

842

843

844

845

846

847

848

849

850

851

852

853

854

855

856

857

858

859

860

861

862

863

864

865

866

867

868

869

870

871

872

873

874

875

876

877

878

879

880

881

882

883

884

885

886

887

888

889

890

891

892

893

894

895

896

897

898

899

900

901

902

903

904

905

906

907

908

909

910

911

912

913

914

915

916

917

918

919

920

921

922

923

924

925

926

927

928

929

930

931

932

933

934

935

936

937

938

939

940

941

942

943

944

945

946

947

948

949

950

951

952

953

954

955

956

957

958

959

960

961

962

963

964

965

966

967

968

969

970

971

972

973

974

975

976

977

978

979

980

981

982

983

984

985

986

987

988

989

990

991

992

993

994

995

996

997

998

999

1000

OS VIVENTES DA SERRA NEGRA

VIVENTES DA SERRA NEGRA

Meninos desfiam prantos
com dedos de léguas
olham para o céu
ao cair dos dentes

Homens levam nas costas
o peso das incertezas
e dos gritos
que a fome enforcou

Com olhar de pergunta
as mulheres só têm
coração para seus filhos
ossos para seus homens

E a serra vai guardando
as marcas dos dentes
dos que já morreram
dos que vão nascer

Estou no futuro
 dos dias passados
 na companhia dos sonhos
 e a cigarra ainda é a mesma
 a cantar o fluir da vida
 Mas as nuvens parecem
 cansadas de chocar pingos
 no sono das serras
 e as águas perderam
 o jeito de cachoeirar

Estou no futuro
 de um rio seco
 que virou procissão de levas
 e há um riacho
 que continua inchando
 nos olhos da minha gente

Nossa casa tem um dia de tamanho
 uma distância
 entre a aurora do alpendre
 e o crepúsculo da cozinha
 O sol marca as horas da vida
 na superfície branca
 como a história da família
 Ao lado passa um riacho de lágrimas
 buscando um rio

A casa tem raízes que se aprofundam
 no chão da alma

VELHO BANCO

No jardim da casa antiga
o banco é o mesmo
o luar também
enquanto fala cada vez mais alto
o namoro dos antigos casais

A CASA DE MEU AVÔ

A casa de meu avô
tem histórias que o vento
esqueceu nas cumeeiras

Traços traçam
amarelo de tempo
nas pessoas dos retratos
No chapéu de meu avô
o peso do esperar
pendurou-se nas abas

O último cachorro
deixou seu jeito no canto da porta
seu grito no longe da serra
e no susto dos bichos

Nos varais as marcas dos panos
se envergonham de nudez
Nos baús o cheiro dos lençóis
espera a vida
que se esvaiu pelas frechas

A casa de meu avô
é uma dor sem jeito

LAVRAS

Não a cidade
mas o homem forte
o terno branco do cidadão
de impecáveis promessas
o picinês cobrindo o olho
e o mistério
da mão no ombro
e outra na urna

Lavras
não a cidade dos trilhos-
nem a matriz
não os dentes dos filhos
nem a meretriz
o abandono do abono
murcho e anual
depois de fazer oito filhos

a carta no correio
pesada de selos e tristezas
as viagens de burro
para votar no PSD
numa obrigação que vinha de longe

Lavras
nos dois soldados e no cabo
que vinham manter a desordem
a desocupação
no delegado que era sub
nos impostos da sub-renda
da subvenda
da sublegenda

Lavras
do padre com três ave-marias
para qualquer pecado
e um bolso aberto
para cada leilão

Lavras
das armas
e dos varões assassinados
lá onde as chuvas
teriam de nascer

Lavras
não a da beira do rio
mas a da beira da vida
que se esvaía pálida

PERFIL

Seu olhar amedrontava planícies

para além da dimensão dos braços

nascidos de seus braços

ávidos de léguas

Comedor de flores

preferia rosas ensanguentadas

a papoulas ao molho.

Suas narinas eram restos

de horizontes naufragados

Um dia lhe ofertaram uma ratoeira

com todas as suas mentiras

e ele encontrou a verdade

O DOCE DE VITALINA

Vitalina faz cocada

com mais alma do que cocoso

Uma semana de criação

onde leite açúcar e coco

não têm importância

como não têm importância

tição fogo e brasa

O mais importante

é que Vitalina

se ponha no caco

e vá na cocada

e que o sétimo dia

seja para descanso

como fez Deus na criação

Minha tia guardava na alma
um baú de carinhos
e no último quarto da casa
uma mala de castanhas

Um dia encontramos
a chave das castanhas
e perdemos para sempre
a dos carinhos

Agora sou meio dia
resto de sonho se esfingindo
em chão de outono
canto do teu canto
na boca do vento
marca do teu pranto
no barro do tempo

Agora sou outro dia
a descobrir tua memória
enquanto velas te fazem vivo
na cruz que te pranteia
e pisam as flores
que nas trevas te florescem

Agora sou teu cansaço
no sono da serra
que te ouviu cantar
no seio sugado da seiva
no cansaço da terra
e dos rios onde serena
negrimagro suor de escassez

Depois serei desengano
se o ressussitar não mais houver

O CANTO

Conheço este povo
porque carrego seu jeito
esquisito de dobrar esquinas
e desdobrar as dores
como se de fibras fossem

Conheço este povo
sua terra
seu berro
como ferro fundido
na mesma fornalha
como filho surgido
do mesmo delírio

Conheço este povo
porque conheço
seu chão
seu adubo

seu medo no riso
na vastidão do olhar
seu uivo de fome
sua lágrima lúgubre

Conheço este povo
porque herdei seus pés
suas longas raízes
seus pesados passos
compromissados
porque herdei seu caminhar
que os caminhos guardaram

Conheço este povo
porque me conheço
porque conheço a idade da serra
a pedridade da pedreira
que retém a água da minha sede
que retém a semente-mãe
do fruto que ninguém tem

CANAVIAL

Verde mar de morte
o canavial se estende
calmaria
e os homens encalham
navios sem vela
no massapê massacre

CANA

A cana de agora
jaz no sítio dorminhoca

Pelo verde cana do canavial
não dá p'ra ver
seu verde talhe verdevirgem

Mas os homens olham
com olhos de facão
e a cana se veste de palha
insignificante palha
que vai virar paísso

Na cidadezinha não há pressa
telhados mal se espreguiçam
ao sol de cada dia
homens passeiam desertos
com as mãos nos bolsos
procurando notícias entre os dedos

No meio da praça
o boi é familiar
e a chuva é festa
para os olhos sonolentos das calçadas
onde pássaros brincam de pousar

No grupo escolar
a professora engomada
receita bolos de aniversário
recita versos de fazer chorar

Na tarde branca quase manhã
a igreja
é um monumento de andorinhas
e de orações
onde os homens tiram o chapéu
e os pecados
antes de entrar no céu

Onde está Assunção
ninguém sabe
nem dá notícia
do seu perfume francês
nem dos dentes
do cachorro pequenês

Da sua cultura
só resta o câncer
que matou o pai
a amiga Formiga
e o moreno de Assunção
no chão das noites

Onde está Assunção
ninguém se lembra
nem pode
reclamar do seu decote

Em qualquer bordel
em qualquer convento
esteja onde estiver
Assunção não está
nem nunca esteve
além do seu mistério

O couro curtido cheira na sala
 e nos aposentos da alma
 onde cada sola tem afetos
 berros e coices guardados
 onde cada vaca tem sua maternidade
 sua geometria de onde surgem
 pastagens e currais
 de onde surge até o gemido
 do engenho a boi
 e do boi continuando no couro
 o destino que também é do boiadeiro

Os dias vão semeando histórias
 e rugas na pele do homem
 numa geometria de palavras
 que gritam escondidas
 Dos campos chegam os ventos
 que restaram são
 para cantar a dor
 de quem nasceu da fome
 e ainda disputa cada ternura
 feito seiva que sobra e sai
 dos golpes que martirizam
 as árvores ainda em suas
 sementes

DESPEDIDA

(A Mundoca do Sapé)

Tenho uma grande saudade do mundo
 Não basta o cachorro lambendo a morte
 no barro da parede
 Sinto nos pendões de cana
 um adeus branco
 O arrombo do açude
 é um arrombo na alma
 Do que fui
 sinto um partir que cresce
 através dos ossos
 Um adeus que cresce nos meus gritos
 que já não ferem pedras na pedreira
 Nos meus gritos que já não pesam
 por sobre os bois
 Nos meus gritos sufocados
 por esta saudade de agora

ENGENHO

As moendas do engenho moem
 os trabalhadores
 para aumento de produção
 Pela chaminé sai o desperdício
 único da moagem
 fumaça de mel e homem
 Na bagaceira os porcos carpidam
 os emparedados do engenho
 e o canavial balança fatal
 seu verde faca

Pelos caminhos que vêm do Taquari
caminha o povo do Taquari
emavas de fevereiro e marco

Pelos caminhos que vêm do Taquari
mora um pé de amargoso
pai da estrada e da curva da estrada
Ao seu olhar os paus-de-arara
carregados de esperanças sonolentas
urnas que trazem promessas e levam votos
a banda cabaçal
nem triste nem alegre
banda
da festa de janeiro
mais de janeiro do que de São Sebastião

Pelos caminhos que vêm do Taquari
caminha poeta Eudes Dias
dezesseis anos de vida
e um gosto de rima na boca do povo
seu caminhar no jeito do caminho
e no chão do céu
onde foi plantar estrelas e luas e loas

Pelos caminhos que vêm do Taquari
rastejam os viventes da Serra Negra
resistindo a dentes
E eu perco meus braços

Almanjarra de menino se escanchar
na bagaceira de bagaço branco
a lua luando

Cada boi tem seu orgulho
seu poder no coice
Cada aboio do tangedor
vai tangendo a noite
de madrugada a fora
vai tangendo a dor
de alma a dentro

De longe chegam homens tristes
montados em histórias de valentia
e levam o que sobra dos trabalhadores
que os dias marcam a fogo

O alpendre está na casa
bem na frente da vida
bem no limite dos destinos

O alpendre está vivo
onde os caminhos se começam
e se acabam
onde se decidem paisagens e sortes

São homens os homens do eito
com seus gritos tão gritos
guardados no chão do peito

São plantas encarceradas
ainda nas suas sementes
plantadas não cultivadas

São homens mesmo meninos
sem prato na mesa posta
que tomou outros caminhos

São homens na servidão
como reses nos currais
fantasmas do mesmo chão

Roça coroa
de quatro cantos espinhos

Roça mundo
rosário e pena
enxada que cava a vida
machado ferro e ferida

Dorme o fruto na semente
maduro e doce
nos braços da planta

Sonha a planta na semente
planejando flores
florescendo

Dorme a flora na semente
em escondida escuridão
dos humanos olhos surgida

No fundo do poço velho
a água negramente parada
venenosa cobra lâmina
tão perfeitamente plana
que nenhuma ruga faz a fuga
do imóvel do olhar único
Nenhuma fonte para a massa
que esmaga
de baixo para cima
Água milenar mineral
poço de histórias verticais
vertiginoso espelho
onde mora meu medo

A CASA, A MULHER E O HOMEM

A casa continua a mulher
na mesma sensibilidade
parede pele

A mulher é a casa
do homem de tal forma
que ao transpor a mulher
a casa marca o homem

Mas a casa não é só
a mulher do homem
ela é também o homem
da mulher do homem

CONSTRUÇÃO

Como percorrer a frase
sangue na veia
morador na moradia
até se vestir de sílabas
ou da fala que a frase fala
é trabalhar a casa
no todo da construção
se vestir de sala
e dividir a dor
que no morador mora

O QUINTAL

No quintal da casa
uma outra casa começa
não apenas a casa
disciplinada do poleiro
mas um paul de casas acumuladas
desde os brinquedos esquecidos
aos dias mais sem graça

O MORCEGO

O morcego revela
que a treva é a pedra
do pulo vampiro
que o sangue é a seiva sugada
soturnamente
como histórias escorrendo de artérias
vias de escorrer verso vampiro
voar de eras
casos de
que o morcego revela do tudo treva

A tristeza do homem
traz nas mãos
a bolsa das almas

Uma bolsa com olhos de almas
histórias de almas
braços pernas caminhos

Com tudo o que já não é
teimando permanecer
até com boi e canga
açupe quebrado e boca de noite

Para que alma com dinheiro?
Não bastam as dívidas
a encruzilhada das corujas
a rasga mortalha
rasgando coração de menino?

Mas não perdoam as almas
elas estão no ar
grandes olhos transparentes
Elas estão em tudo
até no nosso medo de almas

Pela porta aberta
entra súplice a paisagem
É preciso que as palavras
salvem a paisagem

No entanto uma criança
vomita num canto
o que não comeu
e a porta se fecha
ficando aberta

Verde amarela
 a laranja se instala
 no mundo dos cristais
 e das histórias de léguas viajadas
 Tirar suas vestes
 é descascar meus pecados
 é cantar sua cantiga de ninar
 trazer os olhos compridos dos laranjais
 e a solidão dos comedores de estrada
 é naufragar pelos cantos da casa
 onde fantasmas querem saber de viajares
 onde a laranja é uma aventura
 que se debruça
 por sobre a alma

O poste
 posto que póstumo
 postou-se na porta
 de prontidão e espreira
 Floriu amanheceres
 e fez mais dor
 cada entardecer
 Um dia comeu fios
 e vomitou a luz

APARTAMENTO

No mundo do apartamento
não cabe a casa
tampouco as raízes da casa

No mundo das caixas
não existe quintal
A cumeeira é um céu de lâmina
que esqueceu seus horizontes

E o vento do sonho
varre do chão
o mundo dos homens
para ficar uma poeira sem resposta

NA CAMA

Em torno da nossa cama
a humanidade se debruça
em disputa dos nossos desejos
até os credores cobram
nossas pequenas dúvidas
e o arco-íris não quer mais
saber da origem das suas cores

NA MESA

Na mesa briga-se
a garfo e faca
ao som de juras
bebem-se promessas
que se desfazem
na sobremesa

PALAVRA

Procura-se uma palavra
como o canto do canário
um voar sem asa clausurada
Procura-se a palavra possível
para um momento impossível

Procura-se até mesmo
a palavra trivial
que passa fluvial
deixando o que devia levar

Mas que a palavra venha
vaidosa dama
sem se deixar domar
posto que intocável
no seu convite para se deixar tocar
prisão e presa

Ferramentas afiadas
prontificam-se
em espreita de antevéspera
esperando a palavra
peixe no anzol
caça na mira

É preciso pegar
a palavra pela surpresa
no bote
botá-la na engorda
para a grande ceia
onde as sílabas atadas
receberão de grão em grão
o grito do criador
— Crescei e multiplicai

Trouxe a tarde
e com a tarde alojou-se
nas dobras da casa

Com seu esquisito cheiro de eras
e fome de horas
armou seu ar de máquina
para fiar o passado
numa urdidura retorcida
de cheios e vazios

Mas o tique-taque de seus ponteiros
era tão grosseiro
tão mecanicamente pontual
que os ouvidos não resistiam mais
ouvir o tempo passar
como uma catástrofe a despencar

GAVETA

A gaveta trancada
não é uma gaveta vazia
não existe gaveta vazia
A gaveta se enche toda
quando é criada
Mesmo engavetada pelo mundo de fora
a gaveta é muito mais infinita
intimidade e vastidão

VERBO

No princípio era o verso
e o verso se fez verbo
e o verbo se fez humus
daí surgiram borboletas
e o branco livre
dos voares azuais
Mas o verbo também
se fez homem
e o homem se fez mãos
para tudo desfazer

Minha primeira função
foi ouvir palavras
batidas do coração

A segunda função
foi tecer palavras
raízes no chão

A terceira função
foi aprender o calar
como repetir da fala

Destas e doutras funções
uma se me fez difícil
a de palavras polir

A poeira do tempo
fecunda nas coisas
um jeito de morte

Mesmo o pó das horas
tem suas mãos fadadas
a acariciar os mortos

Cobrandando o leito do rio
a água lâmina
invertebrado vasto em fuga
esculpe o rio na terra
e a dor do passar
no dentro do homem
resto de paisagem esvaziada

Vários são os pontos cardeais
várias são as casas
que se miram nos seus relâmpagos
de onde vai nascer a chuva
que pode passar aqui
ressuscitando paisagens

Velho é o sol
que se esconde
atrás do crepúsculo
noturnamente triste
redondamente sempre

Vários são os limites
olhando pelo olho
distante do horizonte
para onde apenas se vai

se esvai quase sempre
para o sul
já que do norte se teme
a morte e se foge
vasta e dorida fuga

Vários são os pontos cardeais
da tristeza branca
da asa branca calhada
na lembrança da árvore
ao açude
lágrima lâmina

Este corpo meu é corpo
como qualquer coisa
que se sustenta no por aí

Mais que corpo todavia
é o que não tem corpo
deste corpo

É o que
não sendo peso
é o que mais pesa

Na rua sem gente
um cachorro lambe
a solidão de um balde virado

Da árvore sem folhas
os dentes ruminam
o luar

Do asfalto ao lado
nasce um rio de trevas
com seu mistério
de histórias escondidas
na pele das águas

Do fundo da noite funda
outra noite começa
solidão escondida
por baixo de lençóis
que não cobrem nada

ROTINA

Rua redonda
de homens bondes
onde redonda
a vida ronda
onde
não escapam sonhos

O TEMPO

Este soro venenoso
injeta-se dor
no todo de todo mundo
irremediável
queimando o inqueimável
numa progressão
tão lentamente irritante
que fere sem ferir
sendo doença rói
e não dói
sendo tempo destempera
doença que não está dentro
mas que da gente fica fora

LIMITE

O que sou hoje
é ser uma coisa vazia
pois você ao partir
levou o que eu continha

Neste limite terra espaço
o vento tange
o que o chão rejeita

e eu vou expiando a ousadia
de te deixar perder-me

MANIFESTO

Não sorrirei aos deserdados
se o bem me foi tirado
pela mesma ira

Não chorarei aos desgraçados
se a dor que também trago
vem do mesmo rei

E tendo sido aquele que não encontrou
aquele que foi braços e olhos
no choro escondido dos lençóis
serei sempre um vulto
que nos corredores
procurou com o silêncio
a razão das dores

E terei sempre este riso sem jeito
que não houve jeito de deserdar

FIM DE SONHO

Aqui chegamos
desfolhados ramos

Aqui chegamos e
ancoramos nas auroras
desperdiçando o riso
e a força do coração

E as flores brotaram
palmas à nossa leveza
ao lírio que plantamos
para nascer estrelas
muitas florestrelas
madressilvas madrugadas

Mas no minuto derradeiro
chegaram os homens da estiagem
o silêncio em sacos secos
olhos de estranheza

torrões da terra
Surgiram da lage da terra
gritos de todos os caminhos
que o braço forte frutificou

E acabou-se o verde
florestar do vale

AGRI/CULTURA

Cada um com seu cultivo
cabe a mim o pomar
de pentear nos dias
a cabeleira da vida
do sol na cara
ao escuro nas costas
a polir palavras
esquecendo os gestos
que me querem fútil
pois o jardim dos signos
precisa ser regado
e não há tempo para aplausos

Os caminhos primeiros de meu coração
mais longe cada vez estão

E das suas curvas só
desenterro momentos invividos
e das suas cruces que
carrego a dor dos ombros
tem um olhar crescente

Desses caminhos que carrego
muitos se perderam nas estradas
muitos cresceram em mim
e rebentaram em fim
do lado poente
gritando que nasce a palavra
onde nasce a chuva
que nasce a chuva
onde nasce o sol
e que nasce o sol
onde mais quer o coração

— Mestre, que fazes
por sobre as dunas?

— Eu me procuro
entre os grãos de areia
para te amar imenso

MOMENTO

De repente é a mãe
que cresce na criança
ou é o pai
ou é a casa com sua humanidade
ou é a vaca preta
lambendo no seu filhote
o menino que pesa
no caminhar do poeta

RIO DOS RIOS

Outros são rios
sou riacho
que se habita
e se habilita
a rir dos rios
desses rios imensos
que vêm buscar suas águas
num simples riacho

Dentro do dentro do quarto
o centro de onde parto
raio contrário
aos raios que entram
e vasto sou
rei que ri
da pequenez dos espaços
da miséria das falácias

A saudade vem
a todas as nossas alegrias
mas só nos festeja
findas as despedidas

PREDESTINAÇÃO

Mudam tudo nos poetas
desde a cor dos verbos
ao tom dos olhos
mas não mudam
essa vontade de mudar

A AVE

A ave voa
redondamente
num vasto vôo
de astro

No centro da ave
o centro da nave
que navego e narro
redondamente
vasto
como um astro

Nesses momentos de dor

em que pesa

o não ser nada

quando tudo faço

por esse outro

que nunca fui

choro

e quando choro

não é pelo fato

de ser tão pequeno

mas pelo ato tão pequeno

que é me esconder

para poder chorar

A noite penteou-se de lua

para te fazer sonhar

penteou-se de sonho

para te fazer luar

Lua sonhar

vem buscar esse sonho

para tu luar

Ao pé da estrada sigo
estrada que vai
que apenas vai
que de tanto ir
chega ao pé de mim

II

MIRANÇAS

Um sítio perdido
entre saudades e distâncias
Pendões de cana dando adeus
cabeças brancas
bocas à procura de dentes e comida
muita gente que está longe
e deixou caminhos

Taquari
um sítio perdido
entre norte e sul
serrotes e serras

No nascente um buraco
que os olhos de meu avô cavaram
procurando chuva
No poente um borralho
onde todo dia se tenta apagar o sol

Um dia chegou o motor
imperou no engenho e na madrugada
e botou um cheiro de óleo
na vida da gente

Os meninos subiram a serra
 para conhecer o céu
 O céu pulou para outra serra
 outra distância
 Os meninos ficaram velhos
 subindo serras
 procurando céus
 que não eram seus
 cavalgando distâncias
 para encontrar miragens

Baixa-se o pano
 Os palhaços se retiram
 levando minha infância

Neste momento
há uma máquina dirigindo um homem
uma cidade inteira sem motivo
um sol que esquenta uns
e esquece outros
um sorriso pago
um bocado de ovelhas ruminando um luar

Neste momento
uns morrem de fome
outros de congestão
há um homem que pula de um arranha-céu
para saber se está vivo
há uma infinidade de galos
que cantam só por cantar
há uma mulher que morre de amar
para almoçar amanhã
há uma flor
uma criança
um padre pecando
um bêbedo simplesmente bebendo

Neste momento
talvez ninguém esteja ligando
para este momento
mas tudo está fluindo
passando
pela marca inconfundível do tempo
para entrar num depósito
de coisas esquecidas

O homem bruto chorou
lágrimas que formaram rios
rios fazedores de mares
mares que se envenenaram
peixes que morreram

O homem bruto comeu peixes
para não morrer faminto

O homem bruto morreu
porque chorou

O TREM

O trem chega
pesado de novidades
Chegam homens sem cor
cujos dentes ficaram
Minha mãe também chega
na tristeza das mulheres
Meu coração partido
em pernas e braços
abraça todo o meu povo
no povo do trem
Choro
e minha lágrima é pequena
para a grandeza da precisão

ESTRADA

Estrada silenciosa
distância entre o dia e a noite
carros e pessoas se cruzam na estrada
a estrada é longa
perco meus braços

SISTEMA

Aos montes

arrancados das galinhas

filhos anticoncebidos

comerciáveis

os ovos existem

ovóides

alimentícios

PROCESSO

Os cães ladram

em torno das oferendas

depois

são comidos por elas

INÉRCIA

No porto
os guindastes choram
os homens do porto
sempre homens do porto

SONHO

No meu braço
levo teu braço
no meu corpo
teu abraço
o resto é presença

SOLEDADE

Não posso
com meus ossos
perdi meus braços
no último dos nossos abraços

MEDO

Cidade de olhos
céu de ouvidos
dêem-me um dia sem medo
sem espelho
sem choque
sem trote

Que deste quarto vazio
se esvazie o amontoado dos olhos-ouvidos
Que se partam todos os horários
pois no meu próprio olhar
vejo um olhar que não é meu

SECA

O sol fez-se rei
o céu armou-se de rubro
as águas carregadas de medo
esconderam-se
os homens riscaram o chão
ante a necessidade do choro
as mulheres rezaram
a reza derradeira
era a seca

OUTONO

Folhas caem
sobre meus sonhos
impiedosamente

PRIMAVERA

CHORUPO

Prima Vera

prima verde

verde que me torna verde

verde flor

verdamor

verdor

VERÃO

CHORUPO

Verão

vermelhão

meu olhar é o olhar do meu povo

na escavação do nascente

INVERNO

Chuva na telha
alma molhada
Peixes sobem
nas águas da minha saudade
Açudes arrombam-se
nos meus olhos

CASA VELHA

Portas roucas choram ausência
Olhos e paredes secos
sucumbem ao sussurro de folhas passageiras
De tua boca ficou o sorriso da janela

E o tempo não passa
cansou de ser passageiro
Só passam folhas de outono
por não terem raízes como o tempo

E em meu coração desemboca um rio seco
pois fantasmas fartos de roerem meus ossos
comem as paredes que te deixaram partir
e as folhas marcadas pela minha precisão
são cartas em procissão para tua busca

Lavras das lavas
 Lavras das levas
 dos que são levados a procurar o sul
 Lavras das lutas dos heróis que ficam

Lavras da Mangabeira
 amada na madrugada
 pelo aracati do mar
 Lavras das nossas lágrimas
 Lavras das estiagens
 e das tantas vantagens
 da gente ser lavrense

Lavras da Mangabeira
 beira do rio
 que lava campos
 quis transformar-te em canto

Hoje eu quero a pureza de um anjo
 uma trégua para todas as dores
 a frieza das pedras
 a cegueira dos postes

Que a multidão das mãos estiradas
 seja um jardim com flores
 Que as mil bocas abertas cariadas
 sejam corolas cravejadas de orvalho
 Que os inocentes possam ser inocentes
 Só assim poderei sorrir

Hoje em dia o Brasil é um país de...

...e a nossa tarefa é...

...e a nossa tarefa é...

...e a nossa tarefa é...

...e a nossa tarefa é...

...e a nossa tarefa é...

...e a nossa tarefa é...

...e a nossa tarefa é...

...e a nossa tarefa é...

...e a nossa tarefa é...

IMPrensa Oficial do Ceará — IOCE